

JORNAL: Tribuna da Imprensa
DATA: 04-07-54
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Janela Sobre o Mundo
ASSUNTO: GRUPO FRENTE VISA UMA PINTURA DE VANGUARDA
AUTOR: ~~Miranda~~, Macedo *Miranda*

JANELA SOBRE O MUNDO

Jã Quirino Campofiorito notara, numa de suas crôni-
cas de "O Jornal", que o governo dã divisas a Didi para apanhar
dos húngaros, e não ^{os} ~~os~~ dã aos pintores, impedidos de pintar por
um capricho do Sr. Osvaldo Aranha. Paulo Mendes Campos ("Diário
Carioca") e Azevedo Lobo, nesta nossa querida TRIBUNA DA IMPRENSA,
queixaram-se das relações da arte e da literatura com o futebol. A
cha o primeiro que nossos pintores ignoram a realidade das caque-
radas de Eli do Amparo mais atentos à Escola de Paris e outras es-
colas do mundo. Lamenta o outro que os romancistas e poetas brasi-
leiros, ocupados em ver e ouvir futebol, não tenham tempo de escre-
ver sobre o dito.

Jã, no "Diário de Notícias" de domingo, passado, Cle-
mente Magalhães Bastos denuncia o desinteresse dos escritores pe-
lo movimento artístico, raros escribas se deram ao trabalho de su-
bir as escadas do Ministério da Educação para prestigiar o pro-
testo do "preto-e-branco".

Em sucessivas reportagens e até numa semi-polêmica,
que acabou em bofetão (felizmente para cima de outro), exploramos
atē a exaustão o III Salão Moderno, de luto pela insensibilidade
do ministro da Fazenda e repleto das promessas do sr. Antonio Bal-
bino, da CACEX e outras coisas e pessoas hediondas deste país. Os
artistas não podem queixar-se de indiferença, de falta de solida-
riedade, quanto ao cidadão que assina estas mal traçadas.

Confessando não entender, de pintura nen de fute-
bol, mas preferindo a primeira, por inclinação natural, quero dar
meu testemunho do nascimento de um gr̃po, que, liderado por **Ivan**

Serpa, promete revolucionar os arraias artísticos aqui da casa. Reúne, o Grupo Frente uma dúzia de jovens que sabem o que querem. Que, se todos abstratos e concretos (Carlos Val é a única exceção, e Elisa Martins se considera apenas aderente), sentem que tomando ^{nao} bordoada, principalmente dos cultores do realismo socialista. Num coquetel em casa do sr. Santiago Fernandes, tive oportunidade de recolher algumas declarações de Serpa, sobre o que visa seu grupo: uma pintura de vanguarda.

- "Não dou a mínima importância aos comunistas, como sei que eles não me dão a mínima importância. Mas, no caso deles, encaro isso como um elogio".

Com essas frases, Serpa deu a entender que não são objetivos polêmicos os que movem o Grupo Frente. Mas logo juntou que, se necessário, os opositores seriam enfrentados. Nem se compreenderia um movimento de vanguarda que se abstinhasse de ser polêmico.

Deste quarta-feira, na galeria de arte do Instituto Brasil-Estados Unidos, pode ser visto o primeiro resultado da formação desse grupo, que breve deverá lançar um manifesto, definindo melhor seus fins. Seria, entretanto, necessário? Essa coisa de manifestos já está meio desmoralizada. E é justo esperar de pintores que se definam melhor com sua arte do que a bico de pena.

Seja como for, aqui fica uma saudação, cheia de esperanças, a essa turma de moças e rapazes que deseja construir alguma coisa de decente, neste país conspurcado por planos aranhas e outros insetos. Saudação tão veemente como a que eu faria aos onze rapazes de Zezé Moreira, se os jogadores húngaros e - dizem e eu creio - o juiz inglês me dessem chance. Por onde se vê que não há mais juizes na Inglaterra, havendo, porém, idealistas no Brasil.

JORNAL: Tribuna da Imprensa
DATA: 04-07-54
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Janela Sobre o Mundo
ASSUNTO: GRUPO FRENTE VISA UMA PINTURA DE VANGUARDA
AUTOR: Miranda, Macedo *Miranda*

JANELA SOBRE O MUNDO

Jã Quirino Campofiorito notara, numa de suas crôni-
cas de "O Jornal", que o governo dá divisas a Didi para apanhar
dos húngaros, e não ~~as~~ dá aos pintores, impedidos de pintar por
um capricho do Sr. Osvaldo Aranha. Paulo Mendes Campos ("Diário
Carioca") e Azevedo Lobo, nesta nossa querida TRIBUNA DA IMPRENSA,
queixaram-se das reações da arte e da literatura com o futebol. A
cha o primeiro que nossos pintores ignoram a realidade das caque-
radas de Eli do Amparo mais atentos à Escola de Paris e outras es-
colas do mundo. Lamenta o outro que os romancistas e poetas brasi-
leiros, ocupados em ver e ouvir futebol, não tenham tempo de escre-
ver sobre o dito.

Jã, no "Diário de Notícias" de domingo, passado, Cle-
mente Magalhães Bastos denuncia o desinteresse dos escritores pe-
lo movimento artístico, raros escribas se deram ao trabalho de su-
bir as escadas do Ministério da Educação para prestigiar o pro-
testo do "preto-e-branco".

Em sucessivas reportagens e até numa semi-polêmica,
que acabou em bofetão (felizmente para cima de outro), exploramos
até a exaustão o III Salão Moderno, de luto pela insensibilidade
do ministro da Fazenda e repleto das promessas do sr. Antonio Bal-
bino, da CACEX e outras coisas e pessoas hediondas deste país. Os
artistas não podem queixar-se de indiferença, de falta de solida-
riedade, quanto ao cidadão que assina estas mal traçadas.

Confessando não entender, de pintura nen de fute-
bol, mas preferindo a primeira, por inclinação natural, quero dar
meu testemunho do nascimento de um grpo, que, liderado por Ivan

Serpa, promete revolucionar os arraias artísticos aqui da casa. Reúne, o Grupo Frente uma dúzia de jovens que sabem o que querem. Que, se todos abstratos e concretos (Carlos Val é a única exceção, e Elisa Martins se considera apenas aderente), sentem que tomam ^{nao} ~~do~~ bordoada, principalmente dos cultores do realismo socialista. Num coquetel em casa do sr. Santiago Fernandes, tive oportunidade de recolher algumas declarações de Serpa, sobre o que visa seu grupo: uma pintura de vanguarda.

- "Não dou a mínima importância aos comunistas, como sei que eles não me dão a mínima importância. Mas, no caso deles, encaro isso como um elogio".

Com essas frases, Serpa deu a entender que não são objetivos polêmicos os que movem o Grupo Frente. Mas logo ajuntou que, se necessário, os opositores seriam enfrentados. Nem se compreenderia um movimento de vanguarda que se abstivesse de ser polêmico.

Deste quarta-feira, na galeria de arte do Instituto Brasil-Estados Unidos, pode ser visto o primeiro resultado da formação desse grupo, que breve deverá lançar um manifesto, definindo melhor seus fins. Seria, entretanto, necessário? Essa coisa de manifestos já está meio desmoralizada. E é justo esperar de pintores que se definam melhor com sua arte do que a bico de pena.

Seja como for, aqui fica uma saudação, cheia de esperanças, a essa turma de moças e rapazes que deseja construir alguma coisa de decente, neste país conspurcado por planos aranhas e outros insetos. Saudação tão veemente como a que eu faria aos onze rapazes de Zezé Moreira, se os jogadores húngaros e - dizem e eu creio - o juiz inglês me dessem chance. Por onde se vê que não há mais juizes na Inglaterra, havendo, porém, idealistas no Brasil.

JORNAL: Tribuna da Imprensa
DATA: 04-07-54
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Janela Sobre o Mundo
ASSUNTO: GRUPO FRENTE VISA UMA PINTURA DE VANGUARDA
AUTOR: Miranda, Macedo

JANELA SOBRE O MUNDO

Jã Quirino Campofiorito notara, numa de suas crônicas de "O Jornal", que o governo dá divisas a Didi para apanhar dos húngaros, e não os dá aos pintores, impedidos de pintar por um capricho do Sr. Osvaldo Aranha, Paulo Mendes Campos ("Diário Carioca") e Azevedo Lobo, nesta nossa querida TRIBUNA DA IMPRENSA, queixaram-se das reações da arte e da literatura com o futebol. Acha o primeiro que nossos pintores ignoram a realidade das caque-radas de Eli do Amparo mais atentos à Escola de Paris e outras escolas do mundo. Lamenta o outro que os romancistas e poetas brasileiros, ocupados em ver e ouvir futebol, não tenham tempo de escrever sobre o dito.

Jã, no "Diário de Notícias" de domingo, passado, Clemente Magalhães Bastos denuncia o desinteresse dos escritores pelo movimento artístico, raros escribas se deram ao trabalho de subir as escadas do Ministério da Educação para prestigiar o protesto do "preto-e-branco".

Em sucessivas reportagens e até numa semi-polêmica, que acabou em bofetão (felizmente para cima de outro), exploramos até a exaustão a III Salão Moderno, de luto pela insensibilidade do ministro da Fazenda e repleto das promessas do sr. Antonio Balbino, da CACEX e outras coisas e pessoas hediondas deste país. Os artistas não podem queixar-se de indiferença, de falta de solidariedade, quanto ao cidadão que assina estas mal traçadas.

Confessando não entender, de pintura nen de futebol, mas preferindo a primeira, por inclinação natural, quero dar meu testemunho do nascimento de um grupo, que, liderado por **Ivan**

Serpa, promete revolucionar os arraiais artísticos aqui da casa. Reúne, o Grupo Frente uma dúzia de jovens que sabem o que querem. Que, se todos abstratos e concretos (Carlos Val é a única exceção, e Elisa Martins se considera apenas aderente), sentem que tomando bordoadas, principalmente dos cultores do realismo socialista. Num coquetel em casa do sr. Santiago Fernandes, tive oportunidade de recolher algumas declarações de Serpa, sobre o que visa seu grupo: uma pintura de vanguarda.

- "Não dou a mínima importância aos comunistas, como sei que eles não me dão a mínima importância. Mas, no caso deles, encaro isso como um elogio".

Com essas frases, Serpa deu a entender que não são objetivos polêmicos os que movem o Grupo Frente. Mas logo juntou que, se necessário, os opositores seriam enfrentados. Nem se compreenderia um movimento de vanguarda que se abstinhasse de ser polêmico.

Deste quarta-feira, na galeria de arte do Instituto Brasil-Estados Unidos, pode ser visto o primeiro resultado da formação desse grupo, que breve deverá lançar um manifesto, definindo melhor seus fins. Seria, entretanto, necessário? Essa coisa de manifestos já está meio desmoralizada. E é justo esperar de pintores que se defiam melhor com sua arte do que a bico de pena.

Seja como for, aqui fica uma saudação, cheia de esperanças, a essa turma de moças e rapazes que deseja construir alguma coisa de decente, neste país conspurcado por planos aranhas e outros insetos. Saudação tão veemente como a que eu faria aos onze rapazes de Zezé Moreira, se os jogadores húngaros e - dizem e eu creio - o juiz inglês me dessem chance. Por onde se vê que não há mais juizes na Inglaterra, havendo, porém, idealistas no Brasil.